

J. MARQUES DE CARVALHO

CONTOS PARAENSES

Deposito em nome de J. Marques de Carvalho



PARÁ

PINTO BARBOSA & C.—Editores.

Rua 13 de Maio

1889

DO MESMO AUCTOR

O SONHO DO MONARCHA,—poemeta, 1886	Opusculo
LAVAS, poemeta, 1886.....	“
PAULINO DE BRITO, perfil, com <i>fac-simile</i> e retrato do biographado, 1887.....	1 vol.
HORTENCIA.—romance naturalista, 1888...	1 vol.
O LIVRO DE JUDITH,—versos e contos para creanças, 1889.....	1 vol.

A PUBLICAR

HISTORIAS D'AMOR,—contos.....	1 vol.
SOROR MARIA,—romance.....	1 vol.
THEODORICO MAGNO,—perfil.....	1 vol.

1889

J. MARQUES DE CARVALHO

CONTOS PARAENSES

*Deposito em nome de
Honorário*



PARÁ

PINTO BARBOSA & C.—Editores.

Rua 13 de Maio

1889



A MEU IRMÃO

Antonio de Carvalho

AO EXM.^o SR. COMMENDADOR

Domingos José Dias

Reconhecimento, Amizade, Veneração.

Alegria gauleza

de José Perissimo



QUANTO esperavamos o almoço,— aquelle almoço ás pressas encommendado no mais que modesto *hotel* do Pinheiro, fômos dar um passeio pela matta, sob a sombra das grandes arvores copadas.

As senhoras haviam ficado na sala do *hotel*, aguçando o appetite no bom cheiro de refogado, que lhes chegava da cosinha.

O meu companheiro de passeio era um velhote de 50 annos, grande rosto quadra-

do, de longas suissas grisalhas em faces tostadas pelo sol da America.

Travaramos conhecimento no pequeno tombadilho da lancha que da cidade nos transportara ao Pinheiro.

Ainda não havia duas horas que nos conheciamos, e já grande familiaridade se estabelecera entre nós, — essa familiaridade facil, íntima, passageira, das pessoas que viajam.

Estavamos ainda a bordo, e já o meu sympathico companheiro, sentado á amurada, contara-me ser francez, ha muitos annos residente na provincia do Pará, onde tencionava ficar até ao fim da vida.

Sentia-me cada vez mais impulsionado para aquelle sujeito cuja existencia eu ignorava algumas horas antes, e que presentemente, por motivos que eu não tratava de saber, tão vivamente me attraía a curiosidade.

Quando saltamos para terra, — enquanto subíamos pela escada da ponte, — convidai-o para almoçar comnosco, e elle accetara rindo, — com um riso bonachão de quem é dotado de alma simples, sem duplicidade.

Fôra elle quem me propuzéra aquella excursão á matta, para darmos tempo a que o hoteleiro preparasse a refeição, que eu já previa frugal e triste, attendendo ás condições da terra em que nos achavamos.

Acceitei-lhe de boamente a proposta, com

aquella vivacidade alegre de quem vive mezes inteiros encadeiado ao cepo do trabalho quotidiano e toma, de tempos a tempos, um bello dia para descansar um pouco, em a paz d'uma povoação de arrabalde, refestelando-se preguiçosamente na relva odorífera dos nossos grandes e soberbos mattagaes.

E fômos por ali fóra, seguindo um carreiro sinuoso, por baixo de farfalhante cúpula de ramos coloridos de um verde-escuro admiravel; cuja uniformidade era quebrada pelo vermelho vivo, pelo amarello e pelo branco das varias flôres sylvestres, cujas pétalas encolhiam-se um pouco, meio-fanadas pelos raios do sol.

Um forte vento refrigerante e consolador vinha do norte, do lado por onde a vista se perdia no infinito, após o rio que fugia para o mar. O cheiro acre da marazia andava no espaço, casado ao perfume subtil e excitante da baunilha, cujas compridas favas pendiam dos escuros e velhos galhos d'aquellas arvores seculares. Pássaros voavam céleres, n'um brando ruflar d'azas, soltando pequeninos gritos estrídulos e alegres. De momento a momento, a curta distancia de nós, lagartos cinzentos ou verdes fugiam assustados, fazendo estalar o folhêdo sêcco que juncava o sólo. E lá muito ao longe, no alto, sobre pedaços de céu de um azul deslavado, que nós entreviamos pelos interstícios das ra-

mas, urabús recortavam-se muito negros, muito pacíficos e espalmados, nos seus vôos arredondados, pairando como n'uma contemplação enamorada da terra que os sustenta com suas putrefacções, com seus resíduos infames e nojentos.

De repente, o meu companheiro disse-me: — Sentemo'-nos aqui. O sr. ja deve estar cansado d'esta longa caminhada.

Não tinha a mínima accentuação estrangeira; fallava como um verdadeiro paraense.

Alongara-se por cima de uma camada de capim verde pouco espessa, de braços, com o pescoço estendido e o grande chapéu de palha do Chile a descer-lhe para a nuca. Imitei-lhe o gesto, defronte d'elle.

Ficamos calados por alguns minutos.

Elle fitava o sólo, com as narinas palpitantes, como sorvendo em longos haustos sensuaes aquelle bom cheiro acre e sylvestre que a terra exhalava.

Perguntei-lhe de repente, não achando outra coisa a dizer-lhe:

—O sr. é casado ?

Fitou-me bem na menina dos olhos, com uma expressão investigadora de quem deseja conhecer o fundo do pensamento de seu interlocutor. Depois respondeu:

—Não... Fui... Agora estou novamente solteiro: sou viuvo.

—Ah!

—E' verdade. Sou viuvo e tenho-me da-

do muito bem n'este novo estado de quem vive sem as preocupações do homem casado, que tem uma familia a sustentar. Bem tolo é quem se casa...

Calou-se, a mirar-se outra vez nos meus olhos.

Um pequeno sorriso enigmatico frisava-lhe o labio superior, traçando nas duas faces profundas rugas obliquas que, nascendo das azas do nariz, partiam a perder-se nos longos fios grisalhos da parte inferior das suissas.

Eu não comprehendia bem o que diziam aquellas palavras, assim sublinhadas por semelhante sorriso.

Elle pareceu-me haver adivinhado a minha duvida, porque disse, apertando-me as costas da mão direita, como para chamar para si toda a minha attenção:

—Está curioso, não? Quer talvez saber quem seja esta velha ave de arribação que vive no seu paiz e que tanta alegria traz sempre no coração, no rosto,—nos labios e no olhar? É uma historia muito longa a minha, meu caro senhor. Sou muito franco: deseja ouvil-a? Não perderá nada com isso; pelo contrario, creio aproveitará alguma coisa com a moral que tirar das minhas palavras, depois de me dar toda a razão nos actos que pratiquei. Logo que me ouvir, o sr. verificará que é muito certo o rifão: *Tristezas não pagam dividas*, e adquirirá a certeza de que, n'este mundo, o



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**